

**José Marcos Ramos  
Vital**

P.S DO SEU ROMEU ANÔNIMO

1º EDIÇÃO

## ***Título Original***

P.S DO SEU ROMEU ANÔNIMO

## ***Criação de Capas***

Capa produzida pelo serviço virtual do Canva

## **Autor**

VITAL, José Marcos Ramos

## **Editora**

Amazon

---

ISBN 978-85-85330-14-9

VITAL, José Marcos Ramos - 2018

PS DO SEU ROMEU ANÔNIMO

I.Romance

brasileiro.II.Jovens.III.Mistério.IV.Homossexual

1º edição / português

Todos os direitos reservados para o autor.

---

*Série Eternos Corações Apaixonados (Livro um)*

*Para toda a minha família.  
Para todos os meus amigos.  
Para todos os homossexuais  
que já tiveram um **amor secreto...***

## Prólogo

---

*Romeu se estiver lendo este meu pequeno recado, me encontre no Bosque das Macieiras. Obrigado por tudo.*

*Abel*

*Prendi rapidamente na porta da geladeira o recado. Saí pelas portas dos fundos agitado e feliz, extremamente ansioso. A festa apresentou enormes caixas cheias de presentes caros, mas o presente que eu desejava estava em algum lugar — na festa, no bosque, em qualquer lugar — ele, o meu amor secreto, o meu segundo amor, meu romeu. Saberá talvez que se escondia sob uma verdadeira máscara prateada. Mórfica.*

Comecei a correr intensamente sob a chuva traiçoeira. Fechei os olhos. Após alguns minutos os abri. A cada passo no chão,

escutava as batidas do meu coração mais intenso; agora, verdadeiramente estou feliz de algum modo.

Alguém talvez me olhou com um toque diferente, interiormente e, me libertou.

Continuei a correr pelas ruas escuras, localizadas próximas às igrejas protestantes. O vento não estava mais frio na minha pele.

Ao som e luz dos relâmpagos que me guiaram até o bosque, finalmente cheguei ao destino. Andei devagar, assustado com essa surpresa extraordinária da vida; onde ao longe, avistei uma silhueta masculina, debaixo da pitangueira — onde ele colocou nossas iniciais.

A escuridão bloqueou de saciar minha curiosidade épica, contudo, observei que ele segurava um ramallete de flores enorme na mão direita. Enquanto andava

apressadamente, algo me acertou fortemente na cabeça, caí na lama; consegui escutar as risadas masculinas assim que tentei abrir os olhos. Eu não sabia o que estava acontecendo, minha cabeça doía fortemente, como se estivesse cortada. Fechei os olhos devagar.

## Capítulo um

---

*Minhas férias finalmente iam começar. Um bom lado que poderia esquecer o sentido responsabilidade e ser mais adolescente. Mês passado, escrevi e reescrevi a lista de coisas para fazer nas férias, na verdade, as duas listas: a primeira, férias e curtidão; a segunda, da grande festa de aniversário.*

Ser filho único tem suas vantagens e desvantagens, para mim, a única desvantagem é desde os meus dez anos de idade ser aniversariante das festas padrões de sempre: caras e luxuosas. Antes era tão legal rever a família inteira; poder convidar todo mundo, rasgar todos os presentes e torcer para que algum seja um computador portátil. Mas, aos meus atuais dezessete anos de idade, o mais

interessante é sair com os amigos e tentar algo mais jovem: beijar talvez, ou melhor, namorar.

Nunca entendi a literatura da sexualidade da juventude, contudo, sempre fazia atos de adolescentes normais na puberdade: como se masturbar.

E conversar com os amigos até nascer o dia. Nem ligava se era conhecido ou desconhecido, eram todos legais.

Sou um garoto simpático e feio — como alguns me chamam —, com um nome simples e bíblico, magro e estudioso, feliz entre qualquer circunstância. Quando completei meus quatorze anos ganhei uma revista masculina norte-americana sobre atores adolescentes, onde percebi que uma boa pele, músculos e olhos atraentes fazia qualquer um se lamentar por não ter beijado ou

“pegado” — igual a linguagem escolar do ensino médio.

>>>

Um lado positivo foi a aprovação da minha mãe para a academia. O problema era carregar peso e tomar aqueles sucos horríveis — o objetivo geral da academia. Por isso desisti dessa ideia já na puberdade.

A única pessoa verbalmente dita a testar a minha antiga ideia (academia) foi meu amigo Marcelo. Marcelo era magro, com lindos olhos castanho-claros, um cabelo ressecado de cor preta. A única coisa que destacava seu olhar era as olheiras, que mais pareciam hematomas quase curáveis. Após esta minha experiência maluca passar, ele pensou em fazer, não por inveja, mais por conseguir ou

conhecer pessoas, exclusivamente meninos;

Marcelo se assumiu para sua família como bissexual no natal do ano passado. Felizmente a família o acolheu de braços abertos. Marcelo era o garoto chamado “acessível” na escola. Nem alto, nem baixo, nem preto, nem branco, nem feio, nem bonito, porém era chamado por alguns de *Garoto Perfeito*. Conheci ele no sétimo ano do Ensino Fundamental II, atualmente estamos no segundo ano do ensino médio, ele antes sempre quis tirar minha virgindade de boca, contudo eu sentia que ele não era a pessoa certa. Agradeço pelo menos, por nossa amizade ter existido e seja até o fim, ele é legal. E agora me entende!

Todos os dias quando me olho em frente ao espelho, não me desgasto. Compreendo-me ver a

minha própria beleza, por isso nunca deixei o meu redor me derrubar.

*Graças ao Pai que não tenho baixa autoestima,* penso diariamente.

Mesmo o meu rosto tendo cravos, espinhas, oleosidade excessiva, poros abertos e células mortas eu era como qualquer outro adolescente. A parte mais linda que achava em mim eram meus olhos. Eram verdes iguais as esmeraldas extraídas naturalmente. Que achava lindo, não só os olhos, mas o mérito de beleza que apenas eu podia enxergar.

Minha felicidade nunca se manteve em uma balança psicológica.

Sou feliz por ser feliz; literalmente deve ser o motivo por nunca ter namorado ninguém. Sempre fui ruim de pensamentos amorosos, algo que pode machucar

você só por senti-los — como todo mundo sente. Acredito a este tema: No amor, no triste fim para a separação, é melhor levar um corte com uma faca de churrasco do que uma dor no coração romântico.

Sua vida vale mais do que um simples alguém, ou melhor, um aparente amor de alguém.

## Capítulo dois

---

**APERTEI FORTEMENTE A VÁLVULA PUMP DO MEU CREME HIDRATANTE**, *saiu uma quantidade excessiva que eu adorava. Todos os dias, todas as horas, todos os momentos, o meu hidratante era crucial, exclusivamente antes de ir a escola — o último passo do cuidado diário. Usei rapidamente meu terno escolar, vislumbrei meu olhar cínico em frente ao grande espelho por trás da porta do quarto.*

— Verificação concluída com sucesso — respondi feliz, após conferir meu look universitário com um toque preferidos de beleza.

Puxei a mochila para as costas mantendo sempre a coluna ereta, levantei o rosto firmemente e segui rumo às ruas, predestinada a Escola

pública Napoleão Bonaparte.

Antes de sair, lembrei-me dos meus fones de ouvidos, guardados na gaveta da cômoda desde a semana passada, os peguei e tomei caminho — guiado pela luz do sol. Eram apenas dez minutos de caminhada, da minha casa até a escola.

Nunca agora as coisas foram tão neutras, agora normais: como o casal de idosos que sempre compravam bolos, pães e ovos na padaria próxima a Igreja Católica. As mulheres correndo com seus fones de ouvidos ativos enquanto fazem exercícios. O carteiro entregando os produtos na vizinhança. Minha família morava em um bairro chamado de Princesa Isabel.

Eram um bom bairro, as casas eram grandes e bem cuidadas; na frente delas, as decorações naturais

de maior prestígio eram as árvores de Jatobá e Aroeira, grandes e verdes, os passarinhos e os macacos pequenos tinham um forte contato nelas — pareciam mais, em plano imaginário, que andávamos nas trilhas de um zoológico público —, as árvores eram tão grandes que projetava grandes sombras sobre a estrada e as calçadas. Uma rua larga ilimitada, com

casas defronte da outra, com os Jatobás e as Aroeiras — uma boa conexão ambiental. O chão não havia lixo ou esgoto, era completamente asfaltada com projetos sanitários perfeitos.

Aumentei o volume no máximo.

Escutava a música *Yellow*, da banda *Coldplay*. A música: calma e serena, romântica e bela. Sentia saciar meu desejo amoroso da puberdade. Na qual era apenas sentir os lábios de alguém, ou melhor, meninos.

Assim que virei a esquina da biblioteca pública cheguei ao meu destino, no mesmo horário de sempre, às seis e vinte e oito da manhã, as aulas começavam às sete horas. Forçava esta lei de ir cedo para conversar mais tempo com minha amiga para todas as coisas, Larissa. Larissa é minha melhor amiga desde quando me mudei para a escola do Pernambuco. Ela tinha um belo sorriso, sempre estava com seu cabelo solto, obviamente grande e com toque castanho-claro. Sua pele era branca. Seus olhos eram castanho-escuros. Naquela fria manhã, ela usava seu casaco da *Minnie*, da marca Disney, juntamente com seu terno escolar. Aproximava de Larissa sem tirar meu olhar para ela.

Estávamos na área de lazer entre os estudantes, um lugar aberto que

parecia mais um enorme ginásio para esportes. Era propriedade da escola. Os alunos seriam permitidos para utilizar a internet sem fio da diretoria, comer seus lanches já tragos de casa, conversar ou ler seus livros. Naquela hora, graças aos céus, apenas era: Larissa, à área e eu. Sorri e caminhei até a entrada.

Após Larissa me observar, ela moveu sua força para o grande abraço de *bom dia*.

— Oi Abel. Pensei que não vinha hoje, já faz mais de vinte minutos a espera de amigo para conversar abertamente! — comentou ela, rodando seu fone de ouvido na mão direita. Assenti.

— Menina, calma! Cheguei agora — exclamei sorrindo na brincadeira, retirando a mochila das costas, senti um alívio assim que tirei.

— Perdoado. Hoje, quero começar

o dia já perguntando uma coisa...  
ou melhor... duas coisas —  
prosseguiu Larissa com agitação  
nas palavras.

— Minha vida servirá para te seguir,  
diga teus motivos que lhe te sufocam  
— repeti as palavras do teatro do  
ano passado, onde Larissa foi uma  
camponesa inglesa que sofria de  
amor; atuei igualmente a ela. Ela  
sorriu em maneira extrovertida.

Sempre brinquei com as pessoas  
queridas do meu coração. Aquelas  
confiáveis podemos dizer. Larissa  
suspirou um pouco e continuou  
agora mais calma nas palavras.

— Irei dizer os meus motivos agora  
— ela ergueu a sobrancelha fina  
esquerda e sorriu maliciosamente. —  
Diga — respondi, intrometendo um  
pouco nestes motivos. Esperava a  
resposta. Comecei a ofegar  
inexplicavelmente.

— Espera logo eu terminar de falar.

Bom, primeiro, como está a lista de convidados para a festa? E segundo, soube da novidade da nossa sala? — seu rosto parecia arder de aflição, contudo, aflição de respostas.

— Infelizmente minha mãe não tirou a ideia de Cinquentas Tons mais escuros, de E L James, da cabeça... Maldito livro — a música havia acabado. Empurrei o fone para debaixo dos meus livros dentro da mochila.

Minha mãe é doutora em Letras, ela ensina mais de cinco escolas, tanto públicas quanto privadas, assim que a trilogia de cinquenta tons foi trazida ao Brasil, minha querida mãe os comprou e os leu, resultando na grande paixão da trilogia, principalmente o segundo livro. E neste marco da linha do tempo, colocou na cabeça que no meu próximo aniversário seria uma festa de máscaras, parecendo o leilão de

caridade da família Grey, só que com a minha festa de dezoito anos. Ninguém poderia mudar a sua imaginação quando fixava no psicológico. Sua teimosia agitava meus nervos. Pena para o meu ver, pois todo mundo gostou, só não o protagonista da festa. — A lista ainda não está feita. Qual novidade? — prossegui.

— Hoje será o primeiro dia de aula de um novato no nosso curso integrado!

— Quem? — perguntei, curioso.

— Eu ainda não sei. Mas, quem sabe ele não pode ser o seu Christian Grey? Para finalmente tirar essa sua virgindade de uma vez, e nem imagine que é apenas a virgindade de beijar. Não sei como podem existir jovens assim Abel, igual a você. E o pior é que esses doentes da puberdade são bonitos demais. Claro que

alguns são héteros, os mais comuns